

OXIGÊNIO

FEVEREIRO 2021

o

NÚMERO 18



CHRISTO E JEANNE-CLAUDE
A necessidade da arte temporária

 O

EDITORIAL

Continuamos na incessante luta de adaptação às constantes mudanças de rumo. Mais do que nunca, tudo é temporário. A começar pela impermanência da própria vida.

E quando a própria arte é também temporária? Christo e Jeanne-Claude, no ato de empacotar grandes monumentos, “convidam” as pessoas a parar, olhar, olhar de novo e tentar entender o motivo daquilo que está diante de seus olhos. Essa pausa, relativamente forçada, constituiu uma quebra de rotina que resulta em uma ressignificação coletiva.

E o coletivo impera. Em Hannah Arendt, as crises que a sociedade moderna enfrenta são o resultado da perda de significado de palavras como justiça, razão, responsabilidade, virtude, glória.

A criação solitária se transforma em coletiva na medida em que é disponibilizada, através de incontáveis meios para o coletivo. E talvez aí resida a gênese da recuperação.

Boa leitura!

O ÍNDICE

04

OXIGENE: *MAM de Verão*: programação ampla, diversa e inclusiva | *II Encontro de Teatro Lambe-lambe de Brasília*, em versão online, terá espetáculos nacionais e internacionais de 1º a 12 deste mês

10

ARTE TEMPORÁRIA: O amor de Christo e Jeanne-Claude e seus frutos empacotados

17

TURISMO: A doçura selvagem da Ilha do Mel

22

BEBIDAS: Vinho e drinks. Quem disse que não combina?

24

LITERATURA: O Abrigo de Kulê: uma busca incondicional pela liberdade

26

DIRETO DE LONDRES: O ano de Hannah Arendt na galtria Richard Saltoun, em Londres

Jornalista Responsável: Vera Matagueira – MTB 16.742 | Editora: Ana Ligia Petrone

Correspondente em Londres: Maria Herminia Donato

Colaboradores: Antonella Kann e Laura Tellechêa Petrone

Colaboração especial: Daiana Castilho Dias

(21) 3807-6497 / 97326-6868 | oxigeniorevistabr@gmail.com | www.oxigeniorevista.com

Anuncie, envie sugestões de pauta, colaborações, imagens, publireportagens.

MAM DE VERÃO: programação ampla, diversa e inclusiva

O MAM Rio apresenta a performance **Fazer Carnaval no Não-Carnaval** e o **Ciclo de Performances da Mangueira**, ambos curados por **Leandro Vieira**, carnavalesco da **Estação Primeira de Mangueira**, em parceria com expoentes da tradicional escola carioca

O projeto *MAM de Verão* inclui oficinas, ateliês, performances, cursos, jornada de estudos, visitas mediadas, ciclo de leitura cinematográfica e atividades da cinemateca ao ar livre. As ações, que tiveram início em janeiro e se estendem até março, acontecem nos espaços do museu, nas áreas circundantes do Parque do Flamengo e também em ambiente digital, engajando o público com dinâmicas diversas de criação.

Para o diretor artístico do MAM, Pablo Lafuente, ter a programação voltada para o verão é primordial para pensar as questões externas e internas do museu: *“Queremos influenciar e ser cada vez mais influenciados pelo parque e por todas as pessoas convidadas a participar de nossas atividades e trocas”*, esclarece. *“Pensamos em uma programação que considera as dinâmicas diferenciadas que a pandemia nos exige e*



Leandro Vieira

Foto: Oscar Liberal

ainda assim traz o frescor que essa estação e o MAM demandam”, comenta Keyna Eleison, que divide a direção artística com Lafuente.

O Carnaval, cancelado em decorrência da pandemia da Covid-19, é o disparador que inspira as atividades de *“não-carnaval”* do novo projeto. *“A ideia geral é ocupar o MAM com os saberes próprios do universo das escolas de samba através de um diálogo artístico plural com aqueles que são os detentores de um conhecimento específico, nem sempre valorizado com a grandeza que merece”*, afirma Leandro Vieira.

Este mês, entre outras atrações, a programação do *MAM de Verão* inclui a roda de conversa *“Alfabeto percussivo”*, com participação do mestre de bateria da Verde e Rosa, Wesley Assumpção, do historiador

Luiz Antonio Simas e do músico Arifan. Em paralelo, no dia 27, o estereótipo do corpo feminino negro no imaginário dos desfiles será questionado pela jornalista Flávia Oliveira, pela rainha de bateria da Mangueira, Evelyn Bastos, e pela intérprete carnavalesca Millena Wainer.

Esta jornada marca o início das ações integradas para a reativação do *Bloco Escola*. Trata-se de um movimento importante no marco institucional por trazer

conigo a vocação original do museu, que se entende e se sustenta na tríade *arte, educação e cultura*. O projeto *Bloco Escola* oferece formação continuada na área das artes, cinema e cultura, com formatos e durações diversas. Os cursos, oficinas, encontros e seminários apresentam a oportunidade de acessar ou aprofundar aspectos teóricos, poéticos, sociais e históricos da arte, do cinema e de outras formas de expressão, bem como as suas redes de produção, circulação e difusão em escala local, nacional e internacional.



Foto: Domínio público

PROGRAMAÇÃO DE FEVEREIRO NO MAM RIO

SÁBADO, DIA 6, DAS 14H ÀS 16H | ZONA ABERTA, PILOTIS DO MAM

OFICINA DE CARTAZ DE LAMBE-LAMBE COM MOLDE VAZADO, COM LOO STAVALE – FAIXA ETÁRIA: A PARTIR DE 10 ANOS

Nesta oficina serão produzidos cartazes, com criação e reprodução de imagens pensadas a partir de formas e palavras que serão recordadas e impressas em papel, através da tela de *silk*. São quatro etapas: criação do cartaz/desenho/imagem, recorte da matriz, impressão e apresentação dos cartazes para colagem.

SÁBADO, DIA 20, DAS 14H ÀS 16H | ZONA ABERTA, PILOTIS DO MAM

CIRCUITO SENSORIAL DAS ERVAS, COM MAYARA VELOSO – FAIXA ETÁRIA: 10 A 14 ANOS

O objetivo é explorar os sentidos através do toque e reconhecimento visual de algumas plantas medicinais e/ou PANCs (Plantas Alimentícias Não Convencionais). A primeira etapa é um convite ao público para identificação das espécies e uma conversa sobre suas aplicações e usos em nossa vida cotidiana. Por fim, será proposto que adultos e crianças criem impressões com frotagens das ervas experienciadas durante a atividade.

SÁBADO, DIA 27, 14H | ACERVO EM FOCO, BLOCO EXPOSITIVO, REALCE – FAIXA ETÁRIA: A PARTIR DE 8 ANOS

12 vagas - Distribuição de pulseiras 30 minutos antes da ação.

O *Acervo em Foco* é uma roda de conversa em torno das obras que integram o acervo do MAM, suas singularidades, contextos de produção e relevâncias na coleção do museu. No dia 27 a conversa será sobre o trabalho de Marepe “*sem título*” de 2005, desenho de um boi feito com cola e purpurina sobre papel.

Aos domingos o MAM oferece, com o patrocínio da Petrobras, visitas realizadas por educadores que irão dialogar, compartilhar e trocar com o público olhares, leituras e significados em torno das produções, práticas e trajetórias artísticas das exposições do MAM.

Devido às medidas de higiene necessárias à mitigação da Covid-19, será preciso pré-agendar a visita em www.mam.rio/ingressos.

Capacidade: 8 pessoas por horário

Faixa etária: todas as idades

DOMINGOS, DIAS 7, 14, 21 E 28 | BLOCO EXPOSITIVO – 10H30 – HÉLIO OITICICA

A visita sugere um diálogo sobre a produção e trajetória de Hélio Oiticica através das exposições *Cosmococa – Programa in Progress* e *Hélio Oiticica: a dança na minha experiência*.

DOMINGOS, DIAS 7, 14, 21 E 28 | BLOCO EXPOSITIVO – 13H30 – UMA VOLTA PELAS EXPOSIÇÕES

A visita propõe uma visão panorâmica da programação com uma volta pelas exposições em cartaz, instigando relações de contrastes e aproximações a partir da reflexão: *o que pode ser um museu?*

DOMINGOS, DIAS 7, 14, 21 E 28 | BLOCO EXPOSITIVO – 15H - ACERVO MAM

Visita à exposição *Realce*, que apresenta o acervo do MAM Rio sob um novo olhar curatorial, desta vez com a reabertura das vitrines que trazem novamente luz natural ao espaço do museu.

PERFORMANCE FAZER CARNAVAL NO NÃO-CARNAVAL – SEXTA, DIA 19 | 19H

Organizado com Leandro Vieira, Número de vagas: 15, Inscrições em www.mam.rio/ingressos

CICLO DE DEBATES PERFORMANCES DO CARNAVAL | Curador convidado: Leandro Vieira

Número de vagas: 30 • Inscrições em www.mam.rio/ingressos

Manifestação artística e cultural intimamente ligada à construção da identidade coletiva da cidade do Rio de Janeiro, os desfiles das escolas de samba são atividades fundamentais para a compreensão da história social e política da cidade.

Em função das medidas sanitárias necessárias para a contenção da pandemia da Covid-19, o Rio de Janeiro estará privado de realizar este ano sua mais legítima e reconhecida tradição cultural: os cortejos carnavalescos e desfiles de Carnaval. É nesse contexto que a ocupação proposta dialoga com as possibilidades reais de manter na pauta da cidade não apenas os saberes da prática carnavalesca, mas também a insistência de reafirmar os desfiles das escolas de samba como espaço de arte múltipla e maiúscula.

Serão quatro dias de encontros onde diferentes aspectos dos desfiles serão abordados em mesas de debates e provocações

formadas por estudiosos, pesquisadores e artistas que atuam diretamente no universo das artes aplicadas aos desfiles.

Sexta, dia 19, das 17h às 19h

Mestre-sala e porta-bandeira

Com Matheus Olivério, Squel Jorgea e Helena Teodoro

Sábado, dia 20, das 17h às 19h

Alfabeto percussivo

Com Ari Fã, Wesley Assumpção e Luiz Antonio Simas

Sexta, dia 26, das 17h às 19h

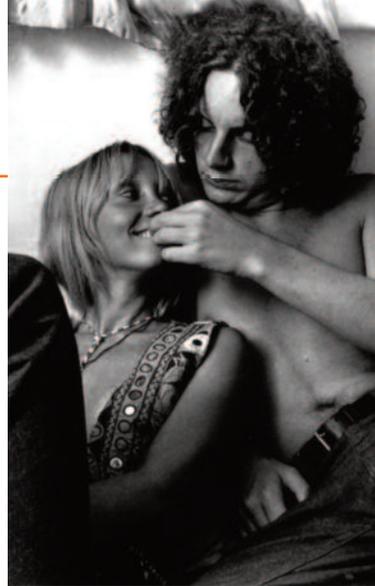
Paleta de cores e enredo

Com Milton Cunha, Leandro Vieira e Keyna Eleison

Sábado, dia 27, das 17h às 19h

Estereótipo do corpo feminino negro

Com Flávia Oliveira, Evelyn Bastos e Milena Wainer



Da esquerda para a direita: Keyna Eleison, diretora artística do MAM Rio | Foto: Divulgação
 Detalhe da exposição *Helio Oiticica: a dança na minha experiência* | Foto: Fabio Souza
 Helena Ignez e Rogério Sganzerla | Foto: Divulgação

CINEMATECA ONLINE | PROGRAMAÇÃO GRATUITA

A programação online de fevereiro finaliza a mostra dedicada ao cinema de Helena Ignez, Sinai Sganzerla e Djin Sganzerla, que teve início em janeiro, com destaque para a exibição do longa de estreia de Djin Sganzerla, e uma *live* em torno do filme.

O mês prossegue com uma mostra dedicada à produtora *A Gota Preta*, criada por Renato Ranquine em 2016, e que em 2018 transformou-se também em distribuidora, reunindo uma crescente e significativa carteira de filmes ligados ao universo das artes visuais e ao cinema experimental brasileiro, cada vez mais próximos e interconectados.

O trabalho de *A Gota Preta* indica uma tendência de distribuição audiovisual e se destaca pela coesão e qualidade dos títulos selecionados para circulação comercial e cultural em circuitos novos e digitais, muitos deles alcançando premiações nacionais e internacionais. *A Mostra A Gota Preta Filmes Apresenta* reúne dez filmes da distribuidora que serão incorporados ao acervo da Cinemateca.

SEXTA, DIA 5 | DOMINGO, DIA 7

Mulheres de luz própria: os filmes de Helena Ignez, Sinai Sganzerla e Djin Sganzerla. Mulher oceano de Djin Sganzerla. Brasi-Japão, 2020. Com Djin Sganzerla, Kentaro Suyama, Stênio Garcia, Lucélia Santos, Gustavo Falcão, Rafael Zulu, Jandir Ferrari. 99' Classificação indicativa 14 anos

SEXTA, DIA 5

Transmissão pelo Youtube e Facebook da Elo Company – 20h
Mulheres de luz própria: os filmes de Helena Ignez, Sinai Sganzerla

erla e Djin Sganzerla. Conversa em torno de “Mulher oceano”. Com Djin Sganzerla, Marcus Mello, Duda Kuhnert e Isabel Veiga. Mediação José Quental.

SEXTA, DIA 12 | QUINTA, DIA 18

A Gota Preta Filmes Apresenta. Adeus às coisas de Ian Schuler. Brasil, 2019. Videoarte/Experimental. 16'. Classificação Livre + **Bárbara Balaclava** de Thiago Martins de Melo. Brasil, 2016. Animação. 14'. Classificação 18 anos + **Rasga mortalha** de Thiago Martins de Melo. Brasil, 2019. Animação. 14'. Classificação 16 anos + *A Noite dos lanches* de Ian Schuler. Brasil/Portugal, 2020. Videoarte/Experimental. 9'. Classificação Livre

SEXTA, DIA 19 | QUINTA, DIA 25

A Gota Preta Filmes Apresenta. Estudos superficiais de Gustavo Speridião. Brasil, 2016. Experimental. 36'. Classificação Livre + **Time Color** de Gustavo Speridião. Brasil/França, 2020. Experimental. 24' Classificação Livre

SEXTA, DIA 26

A Gota Preta Filmes Apresenta. Tupinambá lambido de Lucas Parente. Brasil, 2018. Documentário Experimental. 12'. Classificação 14 anos + **A cristalização de Brasília** de Guerreiro do Divino Amor. Brasil, 2019. Experimental/Animação. 7'. Classificação 14 anos + **O mundo mineral** de Guerreiro do Divino Amor. Brasil, 2020. Experimental/Animação. 9'. Classificação 14 anos + **Calypso** de Lucas Parente e Rodrigo Lima. Brasil, 2018. Experimental. 61'. Classificação 14 anos.

www.vimeo.com/channels/cinematecadomam

II ENCONTRO DE TEATRO LAMBE-LAMBE DE BRASÍLIA, EM VERSÃO ONLINE, TERÁ ESPETÁCULOS NACIONAIS E INTERNACIONAIS DE 1º A 12 DESTE MÊS

Nesta edição, o Espaço Cultural Renato Russo 508 Sul será ocupado com o Teatro de Animação Contemporâneo, conhecido como “o menor teatro do mundo”, e contará com a participação de artistas brasileiros, argentinos, chilenos e uruguaios

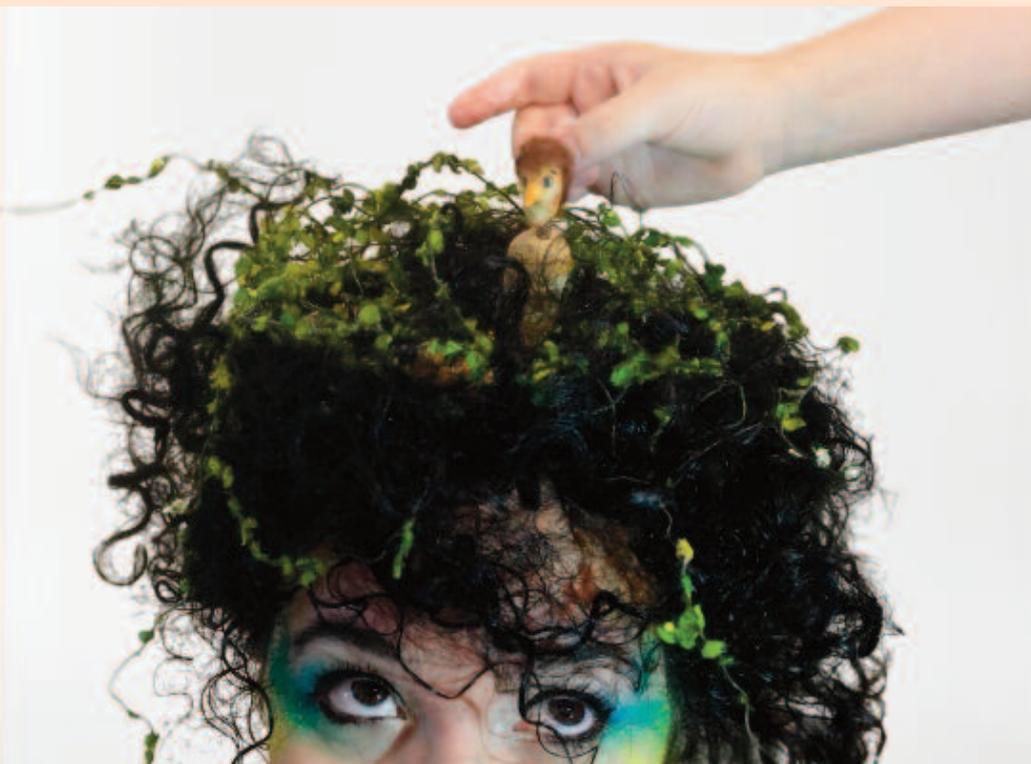
O Encontro, organizado pelas *Caixeiros Cia. de Bonecas*, acontece de forma online, mas manterá as suas características essenciais: apresentações de espetáculos de Teatro Lambe-lambe e de Animação, realização de Oficinas, Palestras e Rodas de Conversa, com acesso totalmente gratuito.

Inspirado nos antigos fotógrafos chamados lambe-lambe – que ocupavam as praças brasileiras nas décadas de 1940, 1950 e 1960, e já escassos ou quase extintos nos dias atuais – o Teatro Lambe-lambe apresenta técnicas e poéticas peculiares e muito específicas.

Da esquerda para a direita: *Passarinhar*, Jéssica Mendes

Foto: Vitor Cruz | *A Mensagem*, Mariana Baeta

Foto: Amara Hurtado





Fotos: Stills do vídeo de divulgação



Os espetáculos são realizados dentro de uma pequena caixa cênica portátil, encenados por diminutos bonecos e objetos que contam histórias de curtíssima duração e apresentados, geralmente, para apenas um espectador por vez. Comumente, a caixa possui uma pequena abertura frontal pela qual o espetáculo pode ser assistido. Na parte de trás da caixa está o ator-manipulador, que anima e dá vida à magia cênica do Teatro Lambe-lambe.

Este estilo teatral surgiu em 1989, em Salvador, Bahia, pelas mãos das bonequeiras e arte-educadoras Denise dos Santos e Ismine Lima, que buscavam uma maneira diferenciada e íntima de fazer Teatro de Bonecos. Em 2021, o Teatro Lambe-lambe comemora 32 anos de existência, celebrados por diversos artistas do Brasil e de várias partes do mundo que pesquisam, criam e apresentam espetáculos nessa modalidade tão única e especial.

Com a disseminação e a evolução da linguagem, surgiram diversos formatos e maneiras de encenação. Em alguns casos, o espetáculo pode ser assistido por mais de uma pessoa por vez, pois existem mais orifícios na frente da caixa. Em outros, artistas e grupos acrescentam às caixas efeitos de luz, como a luz negra ou Teatro de Sombras, por exemplo, além de diferentes tipos de manipulação. Apesar dos variados formatos, o que não muda os espetáculos de Teatro Lambe-lambe é o seu aspecto de mistério, como se houvesse um segredo a ser revelado.

SERVIÇO:

II ENCONTRO DE TEATRO LAMBE-LAMBE DE BRASÍLIA

Programação totalmente gratuita e no formato online
Os espetáculos poderão ser assistidos pelo Youtube, no canal das Caixeiros Cia. de Bonecas

As Palestras e Rodas de Conversa serão realizadas pela plataforma Zoom e transmitidas pelo canal do Youtube das Caixeiros

As Oficinas serão realizadas pela plataforma Zoom com acesso restrito ao inscritos selecionados. Inscrições poderão ser realizadas pelo *Google Forms*

Assista ao vídeo em

<https://www.youtube.com/watch?v=D1eSfk0TfBM>

Programação completa em

<https://www.youtube.com/c/AsCaixeirosCiadeBonecas>



El Viaje de Luisa,
Enderas Masugui,
Foto: Leandro Fernandez



Foto: Wolfgang Volz

Christo and Jeanne-Claude

O AMOR DE CRISTO E JEANNE-CLAUDE E SEUS FRUTOS EMPACOTADOS

Laura Tellechêa Petrone
lauratellecheapetrone@gmail.com

Foi durante um dia de folga do meu estágio no cinema *Le Nouvel Odéon* em Paris que tive a oportunidade de prestigiar a exposição *Christo et Jeanne-Claude. Paris!* no Centro Georges Pompidou. A exposição, que ocorreu entre 1º de julho e 19 de outubro de 2020, me apresentou revelando a vida extraordinária do casal de artistas Christo (1935-2020) e Jeanne-Claude (1935-2009) e seus anos passados na Cidade-Luz de 1958 a 1964. Christo, que elaborava e idealizava as obras, e Jeanne-Claude, que agia mais por trás das câmeras, cuidando da parte administrativa, se tornaram famosos por suas grandes produções de arte temporária em espaço público, das quais as mais famosas consistiam em embalar com pano e corda monumentos históricos gigantescos.

A COINCIDÊNCIA DO AMOR DE UMA VIDA INTEIRA

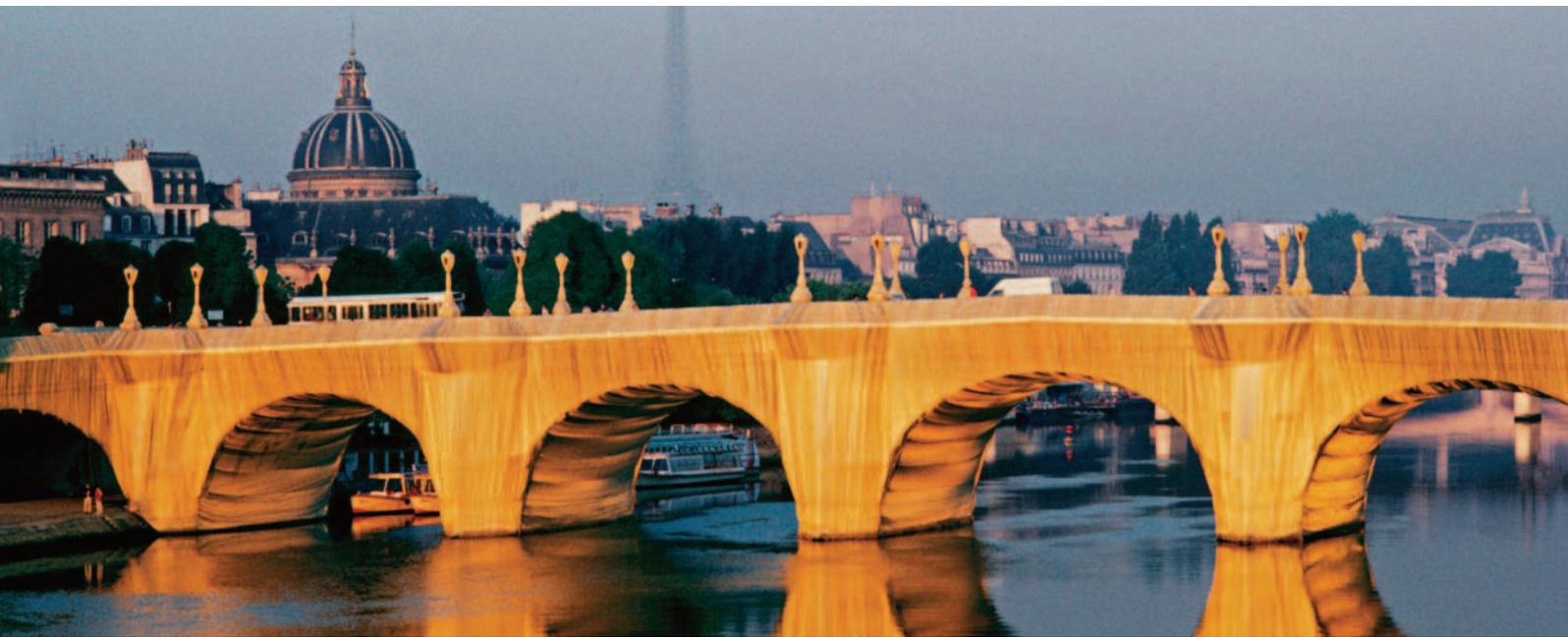
O dia era 13 de junho. O ano, 1935. Em Gabrovo, Bulgária, nascia Christo Vladimiroff Javacheff. A 4.119 quilômetros de distância, na mesma hora, em Casablanca, Marrocos, nascia Jeanne-Claude Denat de Guillebon. Gosto de acreditar que essa história de amor havia começado com esse acontecimento, antes mesmo dos dois se conhecerem na capital francesa, 23 anos depois. Jeanne-Claude, que já era casada, conheceu Christo em 1958, quando foi buscar um retrato de sua mãe feito pelo artista. Foi amor à primeira vista quando Christo pôs seus olhos em Jeanne-Claude, *"uma ruiva tão exuberante como se estivesse embalada em papel-filme"*, nas suas palavras. No ano seguinte, Jeanne-Claude se separou do marido para casar com Christo. A partir daí, os dois não se largaram mais.

Durante a exposição no Centro Georges Pompidou, além de contemplar diversos itens embalados por Christo, como tonéis, latas de tinta e placas de sinalização de trânsito, nós, visitantes, pudemos assistir a um filme de aproximadamente 50 minutos, que passava em *looping* em uma das salas da exposição. O vídeo ilustra em forma de documentário os trâmites enfrentados pelo casal para tirar uma de suas principais obras do papel. No filme de Albert e David Maysles, chamado *Christo in Paris* (1990), Jeanne-Claude confessa que, ao ver o ateliê de Christo pela primeira vez, o qual era preenchido por diversos tonéis embalados com tecido e corda, achou que seria assassinada naquele lugar. Mal sabia ela que, muito em breve, embarcaria na loucura artística, efêmera e pioneira de Christo.



Latas embrulhadas e uma garrafa

Foto: Eeva-Inkeri



Pont-Neuf empacotada

Foto: Wolfgang Volz

VIDA NOVA À PONTE VELHA!

Com certeza o trabalho mais emblemático do casal na França é o empacotamento da *Pont-Neuf*, a mais antiga de Paris, realizado em 1985. Majestosa e audaciosa, a obra demandou anos de preparação. O projeto começou a ser elaborado em 1975, e foram dez anos de trabalho intenso.

Para conseguir o valor total do orçamento (sim, o valor total, eles não queriam nenhum tipo de financiamento público ou privado), Christo e Jeanne-Claude venderam quase todos os desenhos preparatórios feitos para o trabalho. E mesmo tendo arrecadado todo o dinheiro necessário, 1,2 milhões de francos, o casal enfrentou muitos conflitos políticos para conseguir todas as autorizações necessárias.

Finalmente, em 1985, Jacques Chirac, prefeito da cidade, e François Mitterrand, presidente da república, lhes concederam o sinal verde. Foram necessários 40 mil metros quadrados de tecido, 12 toneladas de cabos de aço e aproximadamente mil trabalhadores, dentre eles operários, arquitetos e engenheiros. Durante duas semanas, a *Pont-Neuf* realmente teve um motivo para ser chamada de *neuf* – nova, em francês.

Mas afinal, qual o sentido de se embalar coisas? Qual seria o possível objetivo de empacotar algo tão grande feito a ponte mais antiga da cidade? Será que existe uma resposta concreta? Os transeuntes que se deparavam com a ponte empacotada foram convidados a parar, olhar, olhar de novo e tentar entender o motivo daquilo que estava diante de seus olhos. Essa pausa,

relativamente forçada, constituiu uma quebra de rotina que resultou em uma ressignificação coletiva da *Pont-Neuf* de Paris.

Durante os quatorze dias esplendorosamente inusitados, período em que a ponte ficou embalada, uma nova perspectiva foi lançada sobre um monumento velho. Ocorreram novos encontros entre pessoas que, em circunstâncias normais, jamais se conheceriam – e que agora paravam para discutir, trocar opiniões e analisar em conjunto as possíveis justificativas e efeitos que muitos quilômetros de pano e corda poderiam ter. Evidentemente, o empreendimento artístico também suscitou diversas opiniões negativas, que contribuíram

para criar uma atmosfera caótica de burburinhos que corriam pela cidade inteira.

Uma das principais críticas proferidas pelo público foi a desnecessidade da obra. Por quê e para quê embalar a *Pont-Neuf*? Mas será que a arte precisa mesmo de um motivo bem embasado e justificável para que ela aconteça? A vida e as experiências que nela ocorrem, acontecem no aqui e no agora. Como seres perecíveis no plano terrestre, me parece prudente que adotemos um estilo de vida compatível com a nossa condição finita, ou seja, viver cada momento como se fosse o último. Entretanto, as demandas do sistema capitalista no ocidente, com o passar dos anos, foram moldando



Da esquerda para a direita: *The Gates* (Os portões), no Central Park em Nova Iorque e *Palácio de Reichstag*, em Berlim

Fotos: Wolfgang Volz

nossos comportamentos de forma a criar uma mentalidade coletiva de competição, onde tempo é dinheiro. Uma expressão francesa ilustra com exatidão a vida do cidadão moderno: *metro, boulot, dodo*. A expressão, criada por Pierre Béarn em 1968, significa literalmente "*metrô, trabalho, sono*". Ela representa o ritmo de vida do homem padrão em qualquer lugar onde reina o capitalismo. Viver para trabalhar e trabalhar para viver. Esse é o motivo pelo qual a arte temporária é necessária. Ela nos desacomoda, nos tira do eixo, nos convida a repensar o mundo e o lugar onde nos encontramos,

nem que seja por um segundo. Para Christo e Jeanne-Claude, esse sempre foi um dos principais objetivos almejados por sua arte.

Por outro lado, talvez não devêssemos questionar tanto o porquê do ato de empacotar coisas, mas sim analisar o desvendamento que o sucede. É no desembalar que o trabalho de Christo e Jeanne-Claude atinge com potência máxima o propósito da arte efêmera. Se antes a *Pont-Neuf* servia como via de passagem para pedestres e veículos de transporte, após a instalação

Surrounded Islands (Ilhas cercadas), Miami, Flórida

Foto: Wolfgang Volz



pelo casal de artistas, os parisienses e eventuais turistas que por ali passavam se depararam com uma nova imagem da mesma ponte.

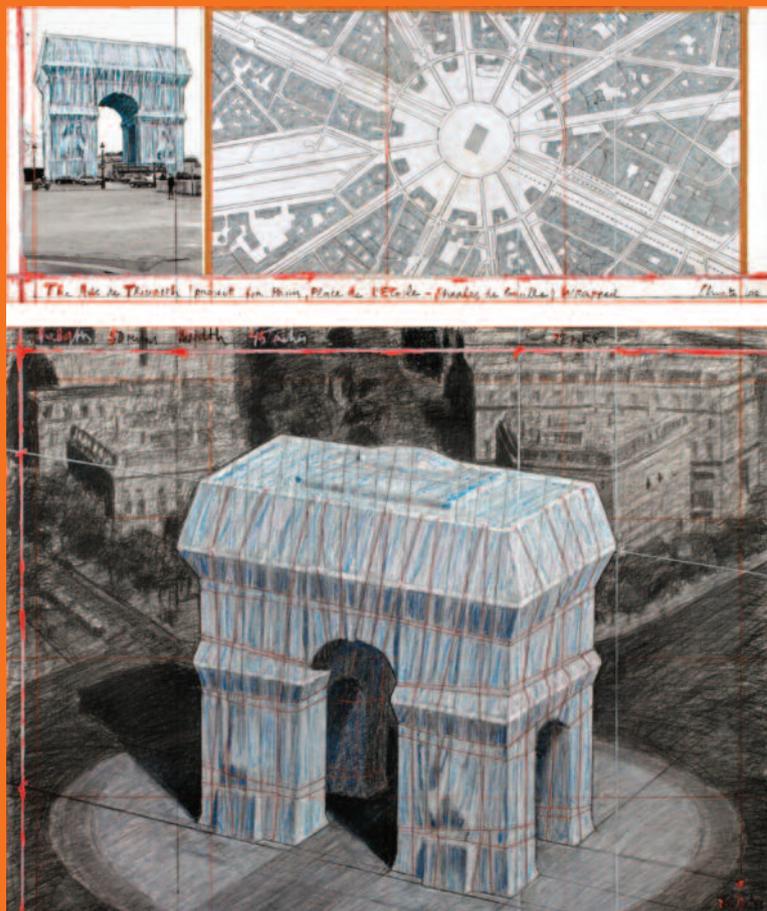
Conforme o sol nascia e se punha dia após dia, graças às variações de luz solar, o tecido bege dourado se metamorfoseava com nuances que variavam entre o fosco opaco e o cristalino brilhante. Tal transformação cromática achou sua correspondência na transformação arquitetural e subjetiva que se impregnou na ponte após a finalização da obra. Além disso, após o desvendamento da ponte, permaneceu a questão: será que essa é a mesma ponte de antes, ou será que ela mudou?

Felizmente, mesmo após inúmeras críticas negativas e caras feias, o empacotamento da *Pont-Neuf* concedeu um grande sucesso a Christo e Jeanne-Claude. Os dois seguiram criando e realizando projetos temporários de arte contemporânea em diversas cidades do mundo. Para citar alguns de seus trabalhos temos *The Gates*, que consistiu em diversos arcos de metal cobertos por um tecido amarelo, percorrendo um caminho de 37 quilômetros no Central Park em Nova Iorque. A obra permaneceu durante duas semanas, entre 12 e 28 de fevereiro de 2005. E o empacotamento do Palácio do Reichstag (Parlamento) em Berlim, de 17 a 24 de Junho de 1995.

O EMPACOTAMENTO DO ARCO DO TRIUNFO EM 2021

Dentro das mentes brilhantes de Christo e Jeanne-Claude, o sonho/projeto de empacotar um dos monu-

mentos mais emblemáticos da França começou em 1962 – bem antes da *Pont-Neuf*! Nessa época, Christo chegou a realizar alguns desenhos preparatórios para a obra. Mas foi apenas em 2017 que essa ideia começou a ser produzida de fato. Em colaboração com o *Centro de Monumentos Nacionais (CMN)*, o empacotamento estava agendado para acontecer em abril de 2020. Porém, devido à preocupação de Christo com uma espécie específica de pássaro, o projeto foi adiado para setembro do mesmo ano.



Projeto do Arco do Trinfo, Paris, empacotado

Foto: Shunk-Kender

O *peneireiro-vulgar*, ave da família dos falconídeos, durante a primavera tem como um de seus principais refúgios o topo do Arco do Triunfo. Para assegurar o bem-estar do animal, decidiu-se escolher outra data. Mas a chegada da pandemia do Coronavírus depositou muitas incertezas sobre a realização do projeto. Em uma decisão conjunta do artista com o CMN, a instalação foi novamente postergada. E o novo período fixado para o acontecimento do evento artístico está agendado para ocorrer entre 18 de setembro a 3 de outubro deste ano.

Como todos os seus trabalhos precedentes, o empacotamento do Arco será inteiramente financiado pelas economias milionárias do casal, sem que nem um centavo seja dado por uma instituição pública ou privada. Serão necessários 25 mil metros quadrados de tecido azul reciclável e sete mil metros de corda vermelha. A escolha das cores é uma homenagem às cores da nação francesa. Espera-se que cinco milhões de visitantes venham prestigiar a obra. O monumento permanecerá aberto para visita e a chama do soldado imortal, acesa desde 1921 aos pés do Arco, será preservada, diz Philippe Bélaval, presidente do CMN.

Mas, se tem uma coisa previsível na vida, é que ela é imprevisível. Christo morreu no dia 31 de maio de 2020 em Nova Iorque, antes mesmo de ver seu sonho (e de Jeanne-Claude) realizado. Apesar disso, o projeto con-



Arco do Triunfo, Paris

Foto: Adefranza / Wikipédia

tinua em pé e mantém sua data de inauguração em setembro próximo. Afinal, Christo sempre disse que seus projetos deveriam continuar, caso ele viesse a falecer antes. E o empacotamento do Arco do Triunfo, além de tudo, será uma homenagem ao casal de artistas por todo o amor que eles dedicaram a Paris.

Segundo Christo, o ser humano demonstra amor e ternura pelas coisas efêmeras. Lembramos da nossa infância com carinho e amamos a vida porque sabemos que elas não duram para sempre. Para o artista, o amor e a ternura são qualidades estéticas complementares.

Além disso, as obras de Christo e Jeanne-Claude são livres. Ninguém pode comprá-las. Elas sobrevivem apenas na nossa memória e em registros fotográficos. O empacotamento do Arco do Triunfo será um presente para a capital francesa. Um presente que Christo declarou ser *"mais efêmero que seu sonho"*. Um presente belo e passageiro que será para o público como os presentes embaixo da árvore de Natal, esperando ansiosamente para serem abertos e (re)descobertos.

A DOÇURA SELVAGEM DA ILHA DO MEL

Texto e fotos: Antonella Kann
www.antonellakann.com
antonellak1954@gmail.com



Próxima a Paranaguá e Pontal do Sul, essa ilha paradisíaca pode ser uma opção bem segura para quem busca tranquilidade

Fora da alta temporada, quando os veranistas retornam para o continente, a doce e selvagem Ilha do Mel é um refúgio ideal, com dezenas de praias desertas e uma paisagem de tirar o fôlego.

Esta *Estação de Preservação Ecológica*, situada no Paraná a cerca de 120 quilômetros de Curitiba, é uma ilha de 27km quadrados em forma de baleia, que foi “descoberta” por surfistas e hippies na década de 1970, mas só se revelou como um cobiçado destino turístico bem mais tarde. Talvez por ter o acesso dificultado, mas principalmente por ser tombada pelo Patrimônio

Histórico, conseguiu manter suas características singelas além do conceito despretenso de sua infraestrutura herdado dos primeiros pioneiros – até hoje assíduos frequentadores da ilha. Por outro lado, não teve como ser alvo da ganância de investidores e forasteiros, sempre ávidos por edificar *hip resorts* e mansões de alto gabarito à beira de praias paradisíacas. Simplesmente, as leis ambientais jamais permitiriam.

Assim, quem vai para a Ilha do Mel é contemplado com a abundância de cenários naturais intocados, uma rica fauna, a autenticidade rústica do lugar e a hospitali-

Da esquerda para a direita: Barca que transporta turistas do continente para a ilha; Cais de Encantadas



dade de sua gente – além da oportunidade de poder cultivar tudo que a natureza oferece graciosamente. Mordomia e luxo interpretados à maneira “melada” de ser...

Nem supermercado abriu na ilha. Carro simplesmente não existe. Só carroças puxadas por... gente. Por lei, é proibida qualquer tração motorizada ou até mesmo animal. Pudera: (você adivinhou?) não tem rua, só estreitas alamedas de areia. E trilhas que serpenteiam pelos morros, únicos acessos terrestres entre as vilas, praias, mirantes e pontos de interesse.

Quando os turistas descem da balsa que faz o traslado Pontal do Sul-Ilha do Mel, carregadores os aguardam na beira do trapiche (píer) de Brasília ou de Encantadas. Com suas carrocinhas padronizadas, se oferecem para levar as bagagens às respectivas pousadas – a pé, ziguezagueando por um labirinto de caminhos tortuosos.

Os itinerários são variados e se entrelaçam, às vezes beiram o mar, outras vezes se embrenham na mata como artérias. Há momentos em que a gente perde a noção da direção. Tanto é que há placas por todo lado, pregadas em lugares estratégicos, postes e árvores, sinalizando e rotulando



Carrocinha para levar bagagem de turistas

Rua de areia





destinos como “*praia Grande*”, “*trilha do meio*”, “*trilha do belo*”, e ainda informando a duração da caminhada e a distância em quilômetros a ser percorrida. Certamente para evitar que os mais desnorteados percam o rumo!

A ilha pode não ser um paraíso para *gourmets*, mas por lá é que se come pastéis da melhor qualidade, além de excelentes pizzas preparadas no forno a lenha. Em Brasília, a *Birosca da Lenir*, de frente para o mar, oferece suculentos e enormes pastéis fritos na hora, com recheio de carne ou queijo. Na pousada *Grajagan*, a pizza vem com massa crocante e fininha, muito bem servida. Onde há mais opções é na vila do Farol. Lá botecos e restaurantes servem refeições, comida a quilo e pratos feitos. Tudo a preço de surfista.

Mas não deve ser apenas pelo paladar que se deve visitar a ilha. Há bastante diversão e atividades. daquelas que exigem um pouco de *fitness*, como curtir a vista do Farol das Conchas, que desde o século XIX previne os navegantes que circundam a região. Construído em ferro fundido, este ícone da Ilha do Mel desponta de quase todos os ângulos, assim como desvenda lá de cima uma vista sobre toda a ilha. Mas isso só para quem se habilitar a subir os 140 degraus até o alto do farol, para ser recompensado com essa visão panorâmica.

Outro passeio obrigatório é a gruta das Encantadas, que fica no final da praia da Bóia, uma extensa faixa de areia defronte a um mar bastante agitado. Conta a lenda que ali viviam lindas sereias trazidas pela maré alta e que atraíam os pescadores para aquele local. Quando as águas não estão invadindo a gruta, dá para penetrar

De cima para baixo: Trilha do Morro do Sabão, ciclista na Praia Grande e gruta das Encantadas

algumas dezenas de metros adentro. Mas tome cuidado: a maré pode ser bem rápida!

Em qualquer um dos cais, seja Brasília ou Farol, é possível fazer um passeio de cerca de três horas circundando alguns pontos de interesse numa embarcação rústica. Num dia de sol, vale a pena escolher esse programa para ter uma visão geral dos ícones da ilha, admirando-os por outro ângulo, como o farol e o Forte, além de vislumbrar belas paisagens. Os passeios saem várias vezes ao dia e é só chegar no quiosque na praia e comprar os ingressos na hora.

Há três vilas na ilha, mas duas delas recebem a maioria dos visitantes: a do Farol, em Brasília, e a das Encantadas, onde aportam as embarcações com turistas recém-chegados de Pontal do Sul, última cidade do continente, onde se pega a balsa (ou um barco-táxi) para fazer a travessia de cerca de meia hora até a Ilha do Mel.

O nome, dizem por aí, refere-se ao mel silvestre, cultivado no século XVIII e que durante décadas representava o sustento de apicultores locais e uma força na economia da ilha. Mas também corre a história de que deriva da palavra farinha, produzida da mandioca por famílias alemãs que moravam lá – farinha, em alemão, pronuncia-se *mehl*.

Outra versão é de que um certo Almirante Mehl viveu ali há muito tempo atrás. Isso pouco importa. O importante é que o local virou um reduto para o surfe e a pesca esportiva. E, principalmente, para quem pre-

tende tirar férias sem esbarrar em muita civilização. De preferência de março a novembro.

SERVIÇO:

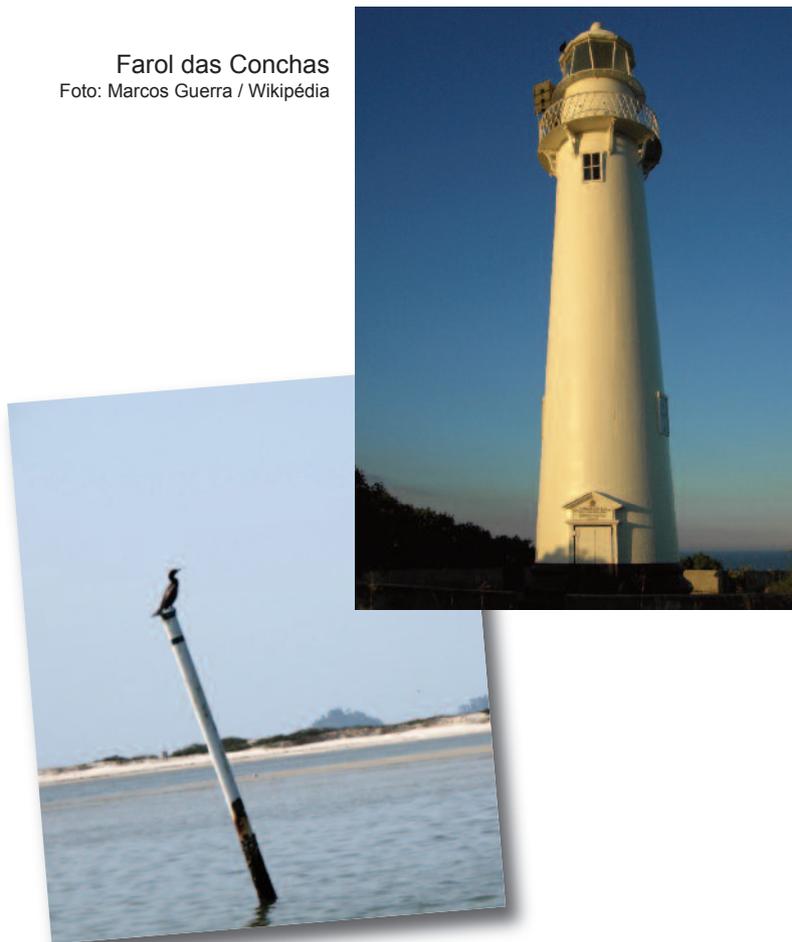
GRAJAGAN SURF RESORT – www.grajagan.com.br

Praia Grande – grajagan@grajagan.com.br

Tel.: 55 41 34268043

Procure reservar uma das melhores acomodações, como o chalé, que tem dois pavimentos, ou uma suíte especial com jardim. As suítes de frente para o mar são pequenas, mas com a vantagem de se debruçarem sobre a praia. O *resort*, que é o melhor lugar para se hospedar na ilha, tem localização perfeita tanto para surfistas como para quem gosta de fazer longas caminhadas.

Farol das Conchas
Foto: Marcos Guerra / Wikipédia



VINHO E DRINKS: quem disse que não combina?

*Veja aqui como preparar cinco opções de drinks refrescantes
que são ótimas opções para saborear em dias quentes*

Que um bom vinho tinto vai bem nos dias frios todo mundo sabe. Do mesmo modo que os vinhos brancos e rosés combinam os dias de verão. Mas, além de uma degustação em seu estado original, os vinhos apresentam uma versatilidade surpreendente quando

inseridos na composição de drinks refrescantes, nas doses certas e com ingredientes harmônicos. Para quem deseja descobrir novos sabores, a equipe da vinícola *Vinho 22* lista cinco sugestões para serem aproveitadas neste verão.

CAIPIRINHA DE VINHO

½ dose de cachaça
150 ml de vinho branco
1 colher de sopa de açúcar
1 ½ limão



Modo de Preparo:

Amasse o limão até o suco se misturar com o açúcar. Em seguida, acrescente o vinho e a cachaça e finalize com gelo. Mexa bem.

LIMONADA COM VINHO

½ xícara de vinho branco seco
1 colher de açúcar
1 colher de caldo de limão
Refrigerante de limão
Gelo

Modo de Preparo:

Dissolva o açúcar no suco de limão. Acrescente o vinho e mexa bem. Adicione o refrigerante até completar a taça. Finalize com gelo a gosto.



CLERICOT

Gelo

1 caixa de morangos cortados

1 cacho de uva escura

2 kiwis cortados em rodela

500 ml de vinho branco

1 lata de água tônica

1 laranja cortada em lâminas

1 maçã verde cortada em fatias

Modo de Preparo:

Encha uma jarra grande com gelo. Adicione os morangos, os kiwis e as uvas. Acrescente 500 ml de vinho branco. Misture bem todos os ingredientes e coloque 1 lata de água tônica. Decore com lâminas de laranja e de maçã verde.

Todas as foto: Divulgação

**ESPAÑHOLA**

1 copo de vinho tinto

1 rodela de abacaxi

4 colheres de leite condensado

Gelo a gosto

Modo de Preparo:

Bata todos os ingredientes no liquidificador e sirva em seguida.



Mais informações em www.vinho22.com.br

SANGRIA

½ garrafa de vinho tinto

1 lata de água tônica

¼ de xícara de gim (opcional)

½ xícara de caldo de laranja

1 maçã

½ abacaxi

4 colheres de açúcar

Gelo a gosto

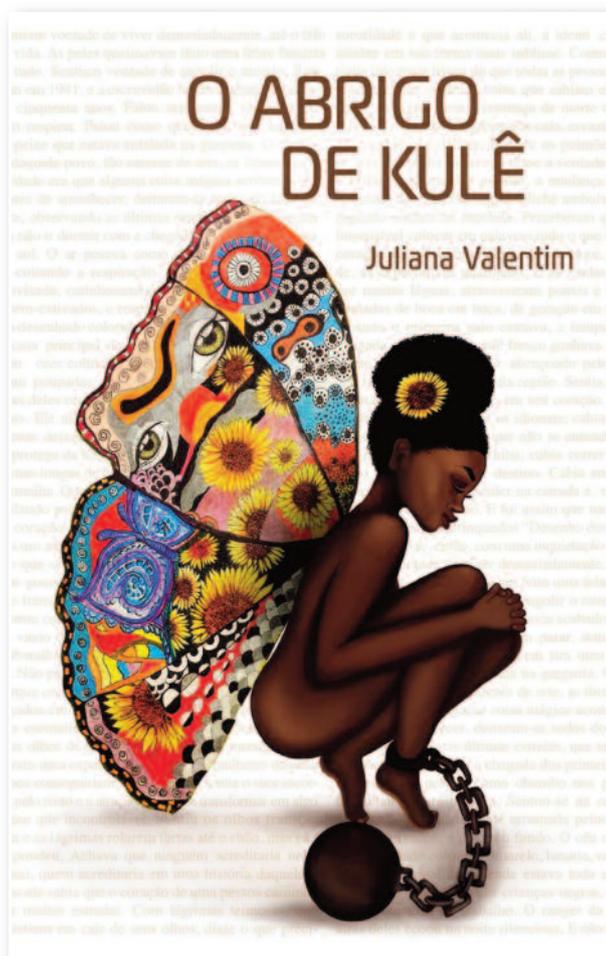
Modo de Preparo:

Misture o suco de laranja com o açúcar e acrescente as frutas cortadas em cubos. Coloque na geladeira por, no mínimo, 30 minutos. No momento de servir, acrescente o gim, o vinho, a água tônica e o gelo.



O ABRIGO DE KULÊ: uma busca incondicional pela liberdade

Ambientado nos anos 1940, primeiro romance da brasileira Juliana Valentim fala de amor, solidariedade, preconceito, coragem e sororidade



O ano é 1940 e tudo o que a jovem Kulê busca é a própria liberdade. Negra, que nasceu escravizada em uma fazenda no interior do Brasil, ela encontra os jovens sonhadores, Maria e Gabriel. Juntos, embarcam em uma jornada de coragem e superação. A história trazida no livro coloca em discussão assuntos que atravessam séculos e permanecem atuais, como o preconceito.

Maria, uma moça que ama os livros e sonha em ver o mundo, encontra Gabriel, um caixeiro-viajante vendedor de brinquedos. O que eles não sabiam, na beleza inocente da juventude, é que o destino tem seus caprichos. O que eles não sabiam é que a liberdade é o bem mais precioso de quem vive.

A narrativa, que tem como tema central o trabalho escravo nas fazendas brasileiras na década de 1940, é ambientada em uma cidadezinha onde os velhos espiam pelas janelas com seus olhos cheios de memórias, onde as crianças brincam pelas ruas, com seus pés nus, e meninas sem luxo se enfeitam para ver a festa na praça.

Juliana Valentim é jornalista de formação, e a atração pelo mundo literário a acompanha desde criança. Ela conta que a ida à biblioteca era o dia mais esperado da escola, e que aos 10 anos ganhou sua primeira máquina de escrever. – *A partir de então, nunca mais parei de criar* – afirma.

Seus trabalhos, que incluem livros de crônicas e poesias, são divulgados nas redes sociais há muito tempo: ela gerencia um perfil de textos curtos no Instagram, [@palavrasquedancam](https://www.instagram.com/palavrasquedancam), e também escreve em seu site www.palavrasquedancam.com.br.

– *A Internet tem se tornado um espaço cada vez mais democrático. Se bem utilizada, é uma ferramenta muito poderosa para a divulgação da arte. Eu sempre quis que meus textos ganhassem o mundo, ultrapassassem barreiras e chegassem a mais leitores. As redes sociais me proporcionaram isso* – diz.

Juliana destaca também a importância de propor uma reflexão sobre questões que ainda hoje afligem a sociedade, como desigualdade, preconceito e sororidade, por exemplo.

– *Sinto que é meu dever abordar temas que são fundamentais para o enriquecimento do consciente coletivo. Estamos em um momento muito importante no qual há várias vozes positivas e relevantes que precisam ser ouvidas. Meu trabalho, como escritora, é amplificar esses discursos. Então, de uma forma ou*

de outra, nos livros ou na poesia diária, nunca me esqueço do meu papel.

O Abrigo de Kulê foi escrito em aproximadamente três anos. Entre as várias fontes de pesquisa utilizadas pela autora, constam os relatos das histórias que ouvia da avó. – *Ela nasceu em 1928, no interior do Brasil, e suas vivências são grande fonte de inspiração.*

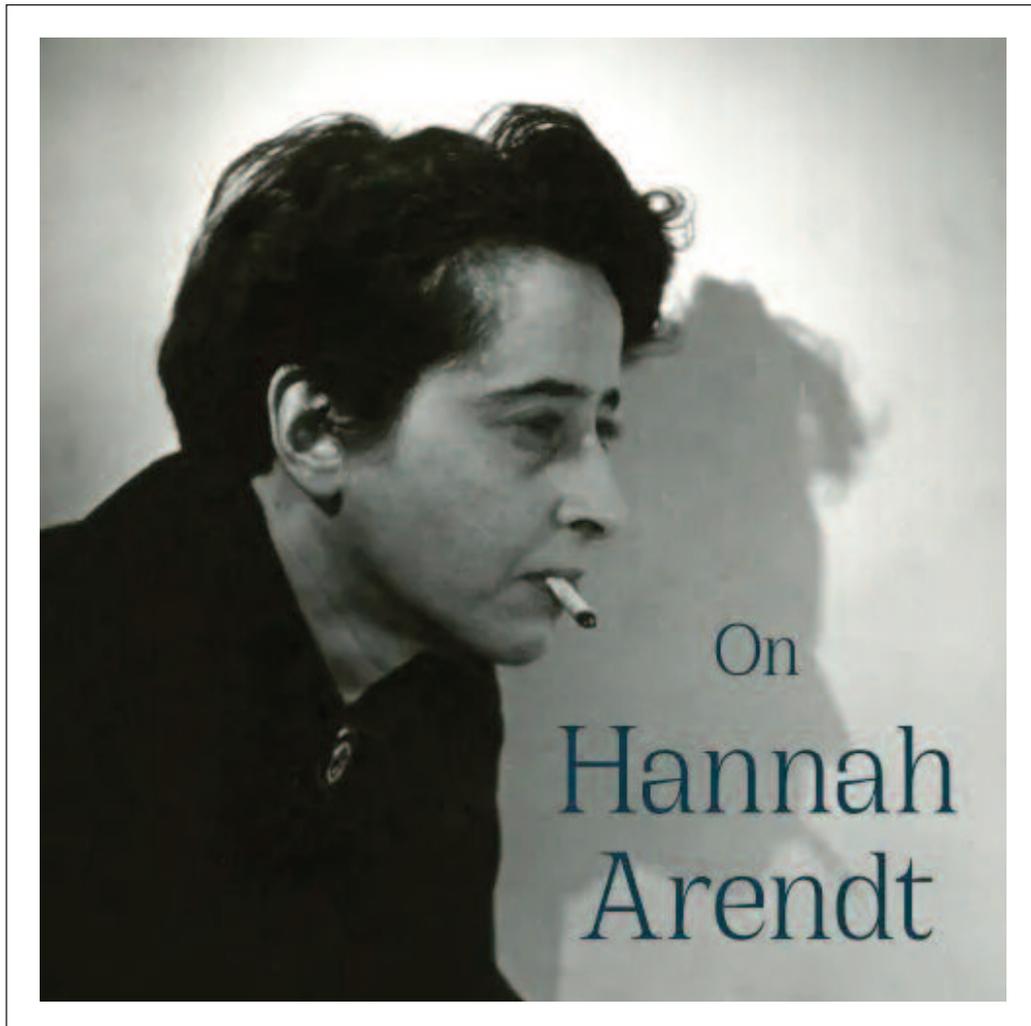
O ABRIGO DE KULÊ | Autora: Juliana Valentim
 Editora: All Print | Ilustração da capa: Elaine Lyra
 Páginas: 204 | Formato: 14 x 21 cm
 Preço: R\$ 32,00
 Onde comprar:
<https://allprinteditora.com.br/o-abrigo-de-kule>
<https://amzn.to/2RtPUsn>

Juliana Valentim é jornalista e escritora, com experiência também na área de comunicação corporativa. Autora de três livros, transita por diferentes gêneros literários, passando pelas crônicas, poesias e romances. É palestrante e consultora de escrita criativa.



Juliana Valentim
 Foto: Divulgação

Imagem do projeto *On Hannah Arendt*
Foto: Site da galeria Richard Saltoun



O ANO DE HANNAH ARENDT NA GALERIA RICHARD SALTOUN, EM LONDRES

Maria Hermínia Donato

As questões colocadas nos oito capítulos da publicação de Arendt, *Entre o Passado e Futuro: Oito Exercícios de Pensamento Político*, de 1968, compõem o universo da mostra *On Hannah Arendt: Oito proposta para Exposição*. O projeto, lançado pela *Richard Saltoun* no início do ano, permanecerá em cartaz até dezembro, com a participação de mais de 20 artistas internacionais, incluindo a brasileira Laima Leyton.

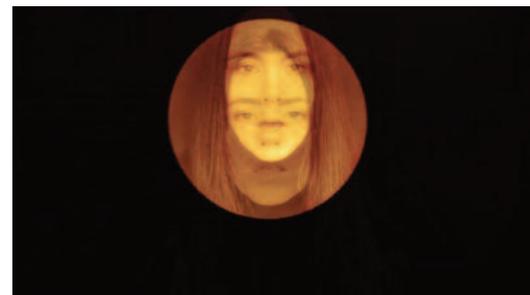
Especializada em arte contemporânea, a *galeria Richard Saltoun* exerce um importante papel de redescobrir trabalhos relevantes, mas pouco reconhecidos de artistas femininas conceituais e performáticas. Neste ano dedicou-se exclusivamente às reflexões propostas por Hannah Arendt, em *Entre o Passado e o Futuro*. O livro descreve as crises que a sociedade moderna enfrenta como resultado da perda de significado de palavras como justiça, razão, responsabilidade, virtude, glória.

Como podemos voltar a pensar sobre a essência vital destes conceitos tradicionais para avaliar a nossa situação presente, estabelecendo novos padrões de referên-

cia para o futuro? Desde que Arendt publicou a versão final de *Entre o Passado e o Futuro*, suas reflexões permanecem impressionantemente relevantes hoje.

Para a realização do programa, a galeria selecionou pouco mais de 20 artistas, dando a eles total liberdade de interpretar, extrapolar e elucidar as ideias do livro e suas abordagens. Entre os selecionados, além da brasileira Laima Leyton, estão Siah Armajani, Bracha L. Ettinger, Lili Dujourie, Peter Kennard, Vivienne Koorland, Everlyn Nicodemus, Marinella Senatore e Lerato Shadi.

Radicada em Londres, Laima Leyton criou uma peça sonora *A Falta de (Lack Of)*, disponível no site da galeria ao longo da série de exposições (<https://www.richard-saltoun.com/viewing-room>). Em resposta a cada mostra do programa, Laima – a partir de sua identidade multifacetada como produtora, musicista, ativista, artista, mãe e professora – desenvolveu oito peças sonoras exclusivas. Intitulados coletivamente como *Passado infinito*, *Futuro infinito* e *Agora*, os trabalhos juntos envolvem temas como tempo, cultura, verdade e espiritualidade.



Skills da peça sonora *A Falta de (Lack Of)* de Laima Leyton



Obra de Siah Armajani na mostra *The Modern Age (A Idade Moderna) – City Center nº 1 (Centro da cidade nº 1)*, 1997
Carrinhos de compras em miniatura de bronze, alumínio, barris e bandeira em miniatura Foto: Site da galeria Richard Saltoun

A artista afirma que “*A Falta de*” é uma peça sonhadora e meditativa inspirada na ideia de que a ciência incomoda a verdade, uma vez que se baseia na dúvida e na desconfiança. Sem fazer julgamento sobre esta ideia, a obra pondera sobre as perdas e ganhos desta falta de tradição ou falta de verdade e sugere que a verdade está dentro de cada um de nós.

Depois de muitos anos trabalhando no Museu de Arte Moderna de São Paulo, Laima mergulhou de cabeça e coração na música, embora sempre organizando ex-

posições e *workshops*. Nos últimos 12 anos, ela foi DJ ao redor do mundo com Iggor Cavallera (seu marido e ex-participante do grupo *Sepultura*) na Mixhell, além de produzir sua própria música. Em paralelo, remixou e colaborou com artistas como Moby, *Buraka Som Sistema* e Diplo.

The Modern Age (A Idade Moderna) é a primeira mostra do programa de 12 meses sobre Hannah Arendt. Com trabalhos-chave de Siah Armajani (1939, Irã-2020, EUA), Thomas Baryle (1937, Alemanha), Véronique Filozof

(1904, Suíça-1977, França), Vivienne Koorland (1957, África do Sul) e Jo Spence (1934-1992, Reino Unido), dedica-se ao primeiro capítulo do livro – o exame de Arendt da tradição e da idade moderna até os séculos XIX e XX. Os trabalhos, em cartaz até o dia 26, abordam temas como deslocamento, indivíduos apátridas e alienação social.

A segunda exposição – de 22/2 a 4/4 – é *The Concept of History (O Conceito de História)*, individual de Peter Kennard (1949, Reino Unido). O trabalho destaca a contribuição do artista para a arte politicamente informada nos últimos 50 anos, e reúne três técnicas: as pinturas *STOP*, dos anos 1960-70, baseadas em eventos como os distúrbios estudantis em Paris, a Primavera de Praga e os protestos da Guerra do Vietnã; sua série de *Paletes* da década de 1990, com traços de imagens e figuras humanas quase invisíveis em paletes de madeira surradas, e uma nova série de trabalhos em papel, de 2020.

Em abril, *O que é autoridade?* examina o antagonismo estrutural e a discriminação cotidiana – pensamentos, olhares, julgamentos implícitos que florescem em um ambiente onde atos mais explícitos de desigualdade foram proibidos. A mostra conta com trabalhos de Lili Djourie (1941, Bélgica), Evelyn



Obra de Véronique Filoos na mostra *The Modern Age (A Idade Moderna) – Fête du Rougevin à l'atelier (Festival Rougevinno es-túdio)*, 1960 – Tinta nanquim sobre papel

Foto: Site da galeria Richard Saltoun



Obra de Jo Spence na mostra *The Modern Age (A Idade Moderna) – The Highest Product of Capitalism (O Maior Produto do Capitalismo)*, 1979 – Fotografia em preto e branco

Foto: Site da galeria Richard Saltoun



Obra de Peter Kennard na mostra *The Concept of History* (*O Conceito de História*) – *Stop 10 (Pare 10)*, 1968
Óleo e tinta sobre tela

Foto: Site da galeria Richard Saltoun

Nicodemus (1954, Tanzânia) e Lerato Shadi (1979, África do Sul).

Já a mostra de Bracha L. Ettinger (1948, Israel) nos coloca em relação à questão de Arendt “*O que é liberdade?*” e se relaciona com o trágico destino das mulheres em períodos de guerra, especialmente o Holocausto. A exposição estará em cartaz em junho e incluirá uma seleção de pinturas e desenhos criados pelo artista nos últimos sete anos.

*“O único objetivo
é ganhar experiência
em como pensar”*

Hannah Arendt

Como parte da série de exposições virtuais estendidas, *Women 2.1*, mostra online da britânica Liv Fonteine com curadoria de Róisín McQueirns, traz novos desenhos e uma vídeo-performance. Explorando sexo, relacionamentos e política, suas performances ao vivo são cheias de devastação e charme.

Vale destacar ainda a parceria da galeria Richard Saltoun com o *Hannah Arendt Center for Politics and Humanities* (Centro Hannah Arendt de Política e Humanidades), no *Bard College*: um amplo programa público de palestras, entrevistas com artistas e uma série de discussões online, modeladas a partir do *Grupo de Leitura Virtual* oficial do *Hannah Arendt Center*, acompanhará a série de exposições.

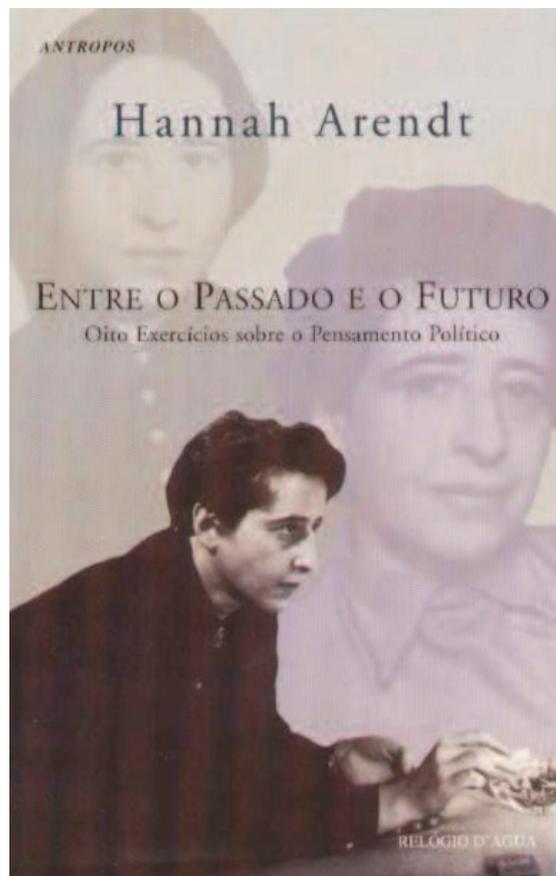
Mais detalhes sobre a segunda metade do programa serão anunciados no site da galeria durante 2021, junto com um programa de acompanhamento de eventos especiais e palestras públicas.

<https://www.richardsaltoun.com/exhibitions/>



Obra de Peter Kennard na mostra *The Concept of History* (O Conceito de História) *News Truck* (Caminhão de notícias), 1997
Mídia mista

Foto: Site da galeria Richard Saltoun



Arte

Cultura

Gastronomia
& Bebidas

Turismo

Comportamento

*Aqui você só encontra
notícias boas*

OXIGÊNIO
revista

Seus clientes
ou sua empresa
tem boas notícias
para dar?

ALCANCE DA EDIÇÃO DE JANEIRO

Instagram e Facebook

77.849

Solicite nosso Mídia Kit.

oxigeniorevistabr@gmail.com

(21) 3807-6497 / 97326-6868